

M A I M O N I D E S
emanuel dimas de melo pimenta
1 9 9 8

parte dos trabalhos apresentados em
Symmetry: Order and Disorder
Fourth Interdisciplinary Symmetry Congress and Exhibition of the
International Society for the Interdisciplinary Study of Symmetry
Technion Institute of Technology, Haifa, Israel, 1998
Maimonides
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: MAIMONIDES

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 1998

Maimonides, Moses Ben Maimon, filosofia

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do auto deverá ser sempre incluído.

para Tomas Zinner e Joseph Brenner

Todas as cadeias causais avançam na direcção do tempo formando, assim, uma grande rede comum entrelaçada em todos os sentidos... constituindo o curso do mundo. Tudo se reflecte em tudo, toda coisa tem o seu eco em toda coisa...

Arthur Schopenhauer

À primeira vista pode parecer estranho como alguém que dedica a vida à estética possa estar muito interessado na figura de um pensador medieval que não chegou a escrever uma única linha sobre arte e que nunca se considerou ser um filósofo.

Mas, há um pensador medieval – que nunca se considerou filósofo e jamais escreveu qualquer coisa sobre estética – que tem magnetizado a atenção de filósofos, artistas e cientistas ao longo de quase mil anos.

Moisés Ben Maimon – que ficaria popularmente conhecido como Maimonides, versão Grega do Hebraico *filho de Maimon* – realizou formidáveis obras como humanista, médico, astrónomo, teólogo e filósofo antecipando o espírito renascentista que surgiria séculos depois.

Maimonides nasceu no ano de 1135, ou em 1138 segundo alguns historiadores, onde hoje é Espanha, na mesma Córdoba que viria influenciar de forma definitiva a obra de Maurits Cornelis Escher e que era o centro do mundo *civilizado* de então.

Moisés Ben Maimon poderia ser considerado, se pudéssemos utilizar livremente a expressão, um *pragmático* por excelência – não tivesse tal conceito sido cunhado por Peirce cerca de setecentos anos mais tarde.

As palavras de Charles Sanders Peirce defendendo que «apenas a experiência ensina» poderiam, seguramente, ser consideradas também as de Maimonides para quem o «ser humano necessita de subordinar ao pensamento todos os poderes da sua alma».

Essa postura, orientada para o pensamento e para a experiência, para o contínuo aprendizado, conduziria as reflexões de ambos directamente no sentido da *lógica*, mesmo quando tratavam de assuntos cuja natureza era aparentemente diversa.

Maimonides não hesitava defender que nos textos sagrados podiam ser encontradas as chaves para o bom funcionamento de qualquer governo, para a excelência na política, no equilíbrio da *polis*.

Seu pai de foi matemático, astrónomo, juiz e famoso talmudista.

Pertencente a uma família Judaica de grande tradição, acabou por se tornar num dos mais eminentes *talmudistas* de sempre.

Diz-se que era directo descendente do Rei David.

Mas, Moisés Ben Maimon não teve vida fácil.

Quando tinha apenas quinze anos de idade, sua família iniciou uma longa e penosa fuga da cidade de Córdoba.

Os temíveis Almohadas – seita Islâmica organizada por fanáticos fundamentalistas, em certo sentido, ainda que grosseiramente, comparáveis aos talibã do século XX – tinham tomado boa parte da Península Ibérica, povoando-a de cruéis perseguições.

Para aqueles fundamentalistas, a única alternativa para a recusa de conversão era a morte.

Pai e filhos – a mãe falecera dois anos antes – fugiram pelo sul do mundo Ibérico, subiram a costa Catalã e terão chegado até ao que hoje é conhecido como a *Provence* francesa.

Após dez anos de fugas e perseguições, partiram para Fes, no Marrocos – onde, apesar de ser um importante centro *almohada*, conta-se que a administração local respirava alguns momentos de maior tolerância.

É que Abd al-Um'min, o dirigente islâmico radical, encontrava-se com idade avançada e teria aliviado as medidas repressoras e persecutórias.

Cinco anos, apenas, foram suficientes para justificar uma nova fuga, desta vez em direcção à Palestina, passando pelo Acre, por Hebron e Jerusalém – àquela altura devastada pelas Cruzadas – acabando por se fixarem definitivamente em Fustat, Antigo Cairo, Egipto.

Rapidamente, tornou-se responsável pelos negócios da comunidade judaica local, além de reconhecido médico e juiz.

Logo depois, o seu pai morreria.

Maimonides tinha cerca de trinta anos de idade.

A metade deles vivida sob perseguição e a tensão das fugas.

O irmão mais novo, David, que se revelara talentoso comerciante de pedras preciosas, tratou de suprir a família de todas as necessidades materiais, de forma que Maimonides, que se tornara seu mestre, pudesse se dedicar integralmente aos estudos.

Havia entre eles um relacionamento de profundo amor e respeito.

David dava ao seu papel como comerciante a importância de providenciar ao irmão tempo livre, fundamental para os seus estudos e reflexões.

Para ele, essa postura era algo verdadeiramente sagrado, pois o pensamento de Maimonides podia assim se expandir para *iluminar* o mundo.

Depois de alguns anos de grande prosperidade, David decidiu realizar uma longa e aventureira viagem através do Oceano Indiano com o objectivo de concretizar um grande negócio.

Levou consigo não apenas toda a fortuna da família como também a de várias outras pessoas, que lhe confiaram vultuosos bens na esperança de um rápido sucesso como parceiros naquele negócio promissor.

Aconteceu, então, uma tragédia.

Conta-se que sob uma terrível tempestade, ou por mãos criminosas, houve um naufrágio – David morre e a fortuna desaparece engolida pelas profundezas do mar.

A perda do irmão foi um brutal choque que acompanharia Maimonides até ao fim dos seus dias.

Numa carta datada de 1184, quando tinha cerca de cinquenta anos de idade, ele diria que «no Egipto, fui vítima de sérios reveses. Caí doente e perdi muitas coisas. Mas, o golpe mais duro que me atingiu e que me infligiu a mais profunda dor de toda a minha vida foi o desaparecimento no oceano Indiano do mais perfeito e mais virtuoso de todos os seres humanos. Eu soube da triste notícia somente cerca de um ano depois dos factos e lutei, naquele momento, contra a febre e o desespero. Esses acontecimentos ocorreram há mais de oito anos, mas ainda lamento, pois como eu poderia encontrar algum consolo? E o quê poderia me consolar? Meu irmão cresceu no meu colo, era meu filho, meu discípulo. Era ele quem ganhava dinheiro para permitir que eu ficasse em casa a estudar. Ele era muito versado no Talmud e na Bíblia, e era igualmente um excelente gramático. Minha única felicidade foi ter estado com ele, mas hoje essa felicidade se transformou em escuridão; ele passou à eternidade e me abandonou, aqui prostrado num país estrangeiro. Quando eu encontro por acaso um dos seus livros ou ainda algum dos seus escritos o meu coração ameaça falhar quando a minha dor é reanimada. Em resumo: eu morrerei de tristeza pela morte do meu filho; e se o estudo da Torah não constituísse as minhas delícias, e se a investigação das ciências não me distraísse da minha dor, eu cairia na mais completa miséria».

Tornar-se-ia médico famoso, conta-se que terá chegado a ser responsável até mesmo pela saúde do lendário sultão Saladino.

E que terá tratado de Ricardo Coração de Leão.

Mas, as suas cartas – e foi um homem dedicado a elas – revelam alguém muito só.

Uma pessoa cujas raízes se destacaram deste mundo e se lançaram à dimensão das ideias, ao permanente questionamento de *quem somos nós*.

E é esse questionamento, essa eterna dúvida, que nos faz vacilar entre o livre arbítrio e o destino, entre um *mundus phenomenon* e um *mundus intelligibilis*, sempre desenhado pela linguagem, pela estrutura do pensamento, que nos faz admirá-lo e buscá-lo ao longo dos séculos.

Por isso, ele é universal.

Maimonides – tradicionalmente chamado de *Rambam*, palavra construída com as iniciais do seu nome – extraía da prática, das situações objectivas, o seu universo teórico e, também por isso, foi considerado por muitos como sendo um *aristotélico*, em oposição a um carácter *platónico* ou *pitagórico* – embora uma tal classificação não faça muito sentido para uma personalidade da sua envergadura.

Nessa senda fortemente pragmática, sempre em perseguição à obediência aos ensinamentos da *Torah* e tomando como ambiente o universo ético do *Talmud*, ele partiria para um profundo mergulho nas *halachot* – as leis, preceitos elaborados sobre a realidade concreta do comportamento humano.

As *halachot* tomadas, num certo sentido, como *dharma* – objectivo de equilíbrio na vida, raiz da *iluminação*.

O *equilíbrio* é, para Maimonides, o signo primeiro de um corpo são – guiado pelas mãos de um talentoso médico; de uma mente sã – produzida pela figura do filósofo; mas também de uma sociedade íntegra – orientada por governantes sábios.

O *equilíbrio*, para ele, está fundado no *conhecimento*, no *saber* – e tudo enfeixado pela *educação*, cujo sentido latino, no termo *educere*, indica a *condução*, a orientação, lembrando o papel do *timoneiro* resgatado pela *cibernética* de Norbert Wiener ou pela antiga e fascinante *Paideia* Grega.

O *conhecimento* é, para ele, uma *necessidade* natural.

Da inextinguível perseguição, coroada pela doação de toda uma vida à reflexão intelectual, surgiu a sua principal e monumental obra, em catorze volumes – o *Mishné Torah*, também conhecido como *Yad Hachazaká*.

Na introdução do *Mishné Torah* ele defenderia que «este livro é uma compilação de toda a Lei Oral. Aquele que estudar a Lei Escrita, o Pentateuco, e esta obra, conhecerá toda a *Torah*, e não necessitará de consultar qualquer outro livro».

Maimonides é reconhecido como um *talmudista* por excelência – aquele que observa privilegiadamente a *ética*.

E embora nunca seja tomado como um místico, é importante lembrar que a estrutura lógica da cabala, considerada enquanto método filosófico, ter-lhe-á fornecido inegáveis subsídios para praticamente tudo o que elaborou ao longo dos anos.

Dois elementos emergem, neste momento, como referência estrutural do seu pensamento. Um deles é, exactamente, aquela estratégia lógica que tão profundamente marcou a cabala e que lança profundas raízes no universo Sumério.

Essa estratégia lógica caracteriza-se pela forte presença de relações triádicas.

Foram elas que tão nitidamente marcaram o *desenho* de tantos pensadores ao longo dos tempos.

Junto com esse elemento, e de uma forma surpreendente, um dado verdadeiramente revolucionário, que apenas podia ter surgido num momento situado entre campos civilizatórios, encontra-se o outro factor essencial das suas ideias: algo a que poderíamos, ainda que não sem algum risco, indicar como o proto-modelo do *terceiro incluído*, princípio lógico genialmente revelado quase mil anos mais tarde pelo matemático Stephanie Lupasco.

Dois elementos formadores do pensamento de Maimonides, o segundo deles responsável por intensas, longas e calorosas polémicas discussões.

O mundo mítico Sumério, tal como acontecia com as sociedades Indo Europeias, era articulado por relações de natureza fortemente triádica.

Na cabala, a *Árvore da Vida* se organiza através de cenários triádicos nas suas dez *sephirot*.

A compreensão da própria *lógica* como obedecendo *a priori* um princípio *triádico* irá determinar muitas das reflexões de Maimonides ao longo de toda a sua vida.

Por essa via, segundo os seus textos, existiriam *três* naturezas do mal: a degeneração da matéria, o domínio tirânico entre seres humanos, e «aquele que alcança cada um de nós através dos nossos próprios actos, que acontecem tão frequentemente».

Para ele, *sabedoria* e *vontade*, ou *fé* e *razão*, não são mais objecto de qualquer conflito, lembrando-nos que a principal ligação entre Deus e o ser humano nada mais é que a inteligência, o conhecimento.

Com uma defesa que nos faz pensar em algumas das recentes descobertas ao nível das neurociências – nomeadamente aquela bravamente defendida por António Damásio segundo a qual *emoção* e *razão* pertencem a um mesmo complexo cognitivo – para Maimonides, *fé*, *razão* e *mundo* revelam-se partículas contínuas de um mesmo *corpus* lógico.

Tudo enfeixado por estruturas triádicas.

Mesmo a definição dos *quatro* tipos de proposições feita por Maimonides no seu *Tratado da Arte da Lógica* pode ser compreendida como imediatamente reversível a um sistema notavelmente *triádico*.

Segundo a sua definição, as *proposições*, ao nível lógico, seriam de *quatro* tipos: as *percepções sensoriais*; aquilo a que chamou de *primeiros inteligíveis* – como saber, por exemplo, que «o todo é maior que uma das suas partes»; as *opiniões geralmente aceites* e, finalmente, as *tradições*.

Na mesma obra, ele sugeriria que tanto as *opiniões geralmente aceites* como as *tradições* poderiam ser consideradas como espécies de *fases* de uma mesma categoria.

Já os chamados *primeiros inteligíveis* seriam as próprias coisas percebidas.

Assim, teríamos as *percepções sensoriais*, os *primeiros inteligíveis* e, finalmente, as *tradições*. Ou, *qualidades sensoriais*, *objectos concretos* e *leis*.

Esse princípio lógico parece ter sido mais que essencial, verdadeiro guia conceptual do seu pensamento.

Toda a existência seria, assim, composta por *três* relações fundamentais: *matéria cósmica e forma*; *matéria terrestre e forma*; e, finalmente, *forma pura*. Relações que podem ser tomadas como *planetas e esferas celestes*; *minerais, animais e vegetais*; e *ideias*. Ou, relações de *dedução*, de *indução* e de *inferência*. Ou ainda, em papéis que podem ser trocados aqui ou ali, *razão*, *existência* e *qualidade*.

No seu célebre e fascinante *Guia dos Perplexos*, *três* palavras são por ele consideradas como fundamentais para o que chamou de *caminho para a sabedoria*.

Elas são *hesed* – que poderia ser compreendido como algo próximo do amor e do carinho; *mishpat* – o julgamento; e *sedaqah* – a firmeza e correcção. «Assim, pode ser resumido afirmando que *hesed* é aplicado à beneficência tomada na sua dimensão absoluta; *sedaqah* à toda a boa acção praticada por si em função de uma virtude moral com a qual se aperfeiçoa a alma; e *mishpat* que algumas vezes tem como consequência a punição e outras a ajuda, a benfeitoria».

Hesed estaria para a *primeiridade* de Peirce, como *sedaqah* para a *secundidade* e *mishpat* para a *terceiridade*.

Sedaqah – correcção, ética – refere-se directamente ao comportamento, à concretude das acções, enquanto que *mishpat* se baseia nas leis, na reflexão racional *a priori*.

Maimonides aceitava, ainda, a divisão *tripartida* da alma proposta por Galeno e que, também ela, terá sido inspirada nas antigas tradições mesopotâmicas.

Segundo essa divisão, algo a que ele chamou de *poder natural* seria reforçado pela alimentação correcta; o que disse ser o *poder vital* poderia tornar-se melhorado e amplificado pelos sons; e, finalmente, o *poder psíquico* poderia ser mudado e melhorado pelo perfume.

Mesmo considerando a alimentação como algo *primário*, podemos escolher o que é ou não mais saboroso, o que preferimos, o que julgamos ser melhor ou pior para os nossos corpos – estabelecendo *julgamentos*, decisões; a audição obedece a uma ordem diacrónica, de natureza polar e causal – um número *dois*; e o olfacto é o mais integral dos nossos sentidos, também em grande parte responsável pela estruturação da memória a longo prazo – número *um*.

Um *terceiro*, um *segundo* e um *primeiro*.

Sabores, música e perfume – três elementos essenciais da alma.

Para ele haveriam, ainda, *três* tipos distintos de alma: a *natural*, a *vital* e a *psíquica*.

Na medicina, como se estivesse seguindo a mesma estratégia lógica, Maimonides definiria *três* classes diferentes de tratamentos: a *preventiva*, a *curativa* e uma orientada à *recuperação*, especialmente destinada às pessoas convalescentes.

A primeira visava cuidar da saúde de forma a prevenir o aparecimento de doenças – doenças que ainda não existiam, manifestando um princípio de *primeiridade*.

A segunda classe referia-se ao tratamento *concreto* das doenças – perfeita *secundidade*. E a última, que também incluía o que viria a ser denominado *geriatria*, visava tratar o envelhecimento – uma *terceiridade*.

Não apenas, ele defendia ainda que haveriam *três* qualidades essenciais para designar o verdadeiro *discípulo de Abraão*: o *bom olhar*, a *humildade* e a *abnegação*.

O bom olhar é primeiridade, inequívoca relação de qualidade; a *humildade* acontece face a um *Outro* e, portanto, relação de existência, *secundidade*; enquanto que a *abnegação* implica algum tipo de *julgamento*, de razão – *terceiridade*.

Quanto às pessoas, em geral, Maimonides as considerava – também aqui – pertencentes a *três* grandes grupos.

Aquelas que não se detém diante das questões da vida, os *flanneurs* de Baudelaire – verdadeiros *zumbis*, os *fantasmas* dos Toltecas, *badauds* para Walter Benjamin – constituiriam o primeiro grupo.

Em seguida, estariam as pessoas que tomam obedientemente como verdade, literalmente aquilo que percebem com os seus sentidos, sem questionamento, sem reflexão – pessoas que consideram-se a si mesmos, segundo Rambam, verdadeiros *intelectuais*, mas que nada mais são que indivíduos *enciclopédicos*, para quem tudo pode ser resumido à memorização mecânica de factos e leis.

Finalmente, caracterizando uma formidável minoria, estariam aqueles que, após profundos questionamentos e reflexões, seriam capazes de compreender a *lógica*, a ordem estrutural das ideias, distinguindo-as «entre significados claros e encobertos».

Logo no início do *Guia dos Perplexos*, Maimonides designa *três* categorias fundamentais que orientarão todo o seu pensamento: o *simbólico*, o *imaginário* e o *real*!

As relações triádicas, ao nível lógico, estão fortemente relacionadas à emergência do *verbo* e ao fenómeno da *predicação* – isto é aquilo, *princípio-meio-e-fim*.

Uma lógica relacionada à estrutura física e sensorial do ouvido interno que torna-se *conteúdo* de uma sociedade em transição para uma cultura mais fortemente *visual*.

Foi assim que Aristóteles, já vivendo um período de intensificação do uso da visão através do papiro associado ao alfabeto fonético – período que desintegraria a lógica impressa nas Cidades Estado Gregas desencadeando o domínio de Roma – trataria de estabelecer as bases para um princípio conhecido como *terceiro excluído*. Isto é, se algo é dado como *existente*, a sua *não existência* é impossível.

Ou seja, não é possível duas coisas contraditórias existirem simultaneamente.

Embora esse princípio possa nos parecer algo claramente evidente e tenha dominado a filosofia Ocidental até ao século XIX, ele não é uma verdade absoluta.

Schopenhauer questionou vivamente aquele princípio lógico defendido por Aristóteles com a introdução dos conceitos de *causalidade local* e *causalidade não local*.

No final do século XX, as teses voltadas para uma *Teoria das Super Cordas* coroavam definitivamente as ideias de Schopenhauer.

Maimonides representa uma fascinante antecipação, em vários séculos, dessas intrigantes ideias.

Uma antecipação muitas vezes equivocadamente interpretada como incompreensíveis incoerências, paradoxos e contradições.

O primeiro dos seus escritos da fase adulta foi o *Comentário sobre a Mishná*, que iniciou com apenas vinte e cinco anos de idade, quando partia para Fes, e que consumiu treze anos de estudos.

Mishná trata, essencialmente, do *corpus juris* hebraico elaborado nos três primeiros séculos depois de Cristo. Trata-se das leis Hebraicas transmitidas, até então, oralmente – conhecidas como a *tradição oral*.

Curiosamente, a raiz *sh-n-h* que compõe o termo *Mishná*, significa *ensinar*, mas também *repetir* – como se o aprendizado acontecesse privilegiadamente através da *repetição*. Esse será, igualmente, pelo menos em parte, o segundo significado da palavra *religião*, que se lança à expressão Latina medieval *relegere*, em certa oposição, ou complementação, à anterior raiz, mais antiga, *religare*.

Na *Mishná*, Maimonides tece alguns aprofundamentos essenciais. O principal deles, conhecido como *Os Oito Capítulos*, lida com o tratado *Aboth*, uma colecção de máximas éticas e religiosas elaboradas pelos antigos rabinos – estabelecendo uma forte relação entre elementos religiosos e discussões filosóficas.

É nos *Oito Capítulos* que a sua ligação com Aristóteles e com pensadores Árabes – como Alfarabi, que tanto admirava – revelam-se com maior clareza.

Resgatando a defesa de Aristóteles, segundo a qual as faculdades da alma podem ser classificadas em *cinco* departamentos – também aqui lançando-se ao antigo universo Sumério – ele se pergunta sobre «quais as faculdades seriam pertinentes aos mandamentos da lei religiosa». E dá, ele mesmo, a resposta: «aquelas que estão sujeitas à nossa decisão e escolha».

Assim, as leis religiosas estariam sempre orientadas à *razão*.

Não podemos controlar a nossa digestão, o nosso crescimento, a nossa pressão arterial, a temperatura dos nossos corpos, ou mesmo a nossa imaginação.

Portanto, a Lei não poderia estar orientada directamente para a estética, mas estaria tratando preferencialmente da linguagem verbal, fundamento essencial da *razão*, conduzindo a um quadro de impacto estético *a posteriori*.

Pois a arte, no seu sentido mais profundo – inevitavelmente ligada à *imaginação* – seria, e deveria sempre ser, livre!
Isto é, livre de tudo o que é cultura!

Relacionado ao universo sensorial, mas traçando profundas ligações ao transcendental e iluminando algo daquilo que ele poderia ter tomado como *estética*, encontra-se a sua concepção de *profecia*.

«A profecia é um transbordar transbordando de Deus através da intermediação do intelecto activo, primeiramente pela faculdade racional e, depois, pela faculdade da imaginação» – defendia claramente o papel do conhecimento, da formação do intelecto, como condição *sine qua non* para a *profecia*.

É curioso, para dizer o mínimo, observar o paralelo entre essa defesa e a de Hegel quando explica que o trabalho em arte segue uma direcção das leis para as relações de qualidade.

Por essa via, os profetas não poderiam ser pessoas despreparadas, mas verdadeiros filósofos conduzidos, principalmente, pela *razão*.

Razão que esclarece-nos, pela sua própria natureza, o significado da *profecia*, *pré-visão*, antecipação num complexo de *causalidade*.

Tudo isso significa que Maimonides tomava privilegiadamente o mundo comportamental enquanto *conteúdo*, evidenciando um fenómeno conhecido como *ilusão da contiguidade*, que *desenharia* o mundo ocidental séculos mais tarde.

Os nossos comportamentos responderiam a *conteúdos de informação*, complexos de *razão*.

Para ele, tudo na obediência da Lei deve, portanto, estar fundado na volição, em certo sentido antecipando – novamente – Schopenhauer e a vontade como representação essencial do mundo.

A Lei estaria, assim, consagrada numa estrutura fortemente hierárquica, num *ponto de fuga*, estratégia *perspectívica* – que não afecta directamente o mundo dos sentidos, as relações de qualidade.

É de *decisão* e *acção* – implicando sempre a linguagem – que Maimonides trata privilegiadamente.

É por volta do ano de 1180, quando tinha cerca de quarenta e dois anos de idade, que ele apresenta a sua grande obra – o *Código da Lei*, também conhecido como *Mishné Torah* – buscando codificar «todas as Leis da Torah e os seus regulamentos, sem nada omitir».

Aqui, como tantas vezes aconteceria, a palavra *codificação* parece constituir a chave central do seu pensamento.

Maimonides trata o Universo como *sistema codificado*, cujo entendimento, intelecção, através do contínuo aprendizado, pode conduzir a uma *iluminação*, a uma compreensão cósmica, a uma *revelação*.

Mas, *revelação* apenas e exclusivamente através do *conhecimento*.

É então que toda a separação entre *ciência* e *filosofia* é por ele definitivamente abatida, através dos princípios metodológicos e éticos projectados pela escritura sagrada.

Durante toda a vida escreveu praticamente sempre em árabe ou em árabe-judaico. A sua única obra escrita em hebraico foi o *Sefer há-madda – Livro do Conhecimento* – a primeira parte do *Mishné Torah*.

Começou a escrever muito cedo.

A sua primeira obra foi *Millot há-higgayon – Terminologia Lógica* – escrito quando tinha apenas treze ou catorze anos de idade, ainda vivendo na Península Ibérica.

Israel Efros definiria a sua *Terminologia Lógica* como uma verdadeira introdução à filosofia.

Tudo nele gira em torno da *escrita*, da letra, da palavra pertencente ao livro.

Uma postura que, pelas mais diversas vias, *designaria* o chamado Ocidente após a imprensa de tipos móveis de Gutenberg.

Assim, a *Mishné Torah* é um profundo exercício de *classificação*, em muito semelhante àquele que caracterizou a obra de Aristóteles.

Tudo fundado no *conhecimento*.

Está no conhecimento original, nas leis essenciais de funcionamento do Universo, a chave para a compreensão da própria vida.

Por essa via, o *Primeiro Motor* de Aristóteles nada mais se torna, para ele, que num dado de *inteligência*.

A partir do *Comentário sobre a Mishná* se seguiu o seu gigantesco conjunto de escritos, passando pelo *Tratado da Arte da Lógica*, o famoso *Guia dos Perplexos* e as suas epístolas entre vários outros.

Estaria no seu fascinante e intrigante *Guia dos Perplexos* a coroação dos seus trabalhos de interpretação filosófica dos textos sagrados.

Escrito entre os anos de 1185 e 1190, como resposta a um jovem Marroquino chamado Joseph ben Judah ibn Shimon que viajara ao Egipto com o objectivo de estudar com ele, o *Guia* se tornaria, seguramente, na obra mais conhecida de Maimonides.

Durante cerca de três anos, o jovem estudara com ele astronomia, lógica e filosofia.

Em 1185, ibn Shimon parte para Aleppo, Maimonides se torna médico do vizir de Saladino no Cairo e decide escrever uma profunda reflexão sobre a perplexidade que atinge alguém culto e inteligente ao ler as escrituras.

Sendo as escrituras a chave para a compreensão do Universo, a obra refere-se, em última instância, à perplexidade que somos todos objecto face à complexidade do próprio conhecimento.

Antes, ainda, trata da perplexidade face ao maravilhamento da descoberta, àquilo que Sócrates tão magistralmente apresentou a Teeteto como sendo a justificativa, por excelência, da própria vida.

Os sessenta e nove primeiros capítulos do *Guia dos Perplexos* tratam do maior gerador possível de perplexidade – o conceito de Deus.

As descrições de Deus na Bíblia são, para ele, simbolicamente antropomórficas com o objectivo didáctico – como tornar tudo mais compreensível para o ser humano comum.

É aqui, na sua análise do conceito de Deus, que surge com grande evidência aquele proto-modelo do princípio do *terceiro incluído*.

Se, por um lado, quando «consideramos as acções divinas – é o mesmo que dizer as acções naturais», revelando as raízes das ideias de Espinoza, tão violentamente atacadas sob a acusação de ateísmo, temos Deus como tudo, tempo e espaço; por outro lado, Deus é o *Primeiro Motor*, aquele que causou tudo, causa original e essência total.

Sendo a origem de tudo e estando em tudo, Deus não é passível de ser *conhecido*.

Mas, Ele é – igualmente – tudo, incluindo os seres humanos.

Não há, para Maimonides, lugar para qualquer oposição ou diferença entre Natureza e Deus.

Todavia, simultaneamente, Deus é outra entidade, separada da sua criação.

Essa abordagem eminentemente paradoxal há muito tem sido fortemente questionada, pois o instrumental lógico dos seus críticos, de natureza fortemente literária, não previa o princípio do *terceiro incluído*: a possível existência de *a*, *não-a*, assim como de *a* e *não-a*.

Para Maimonides, Deus é tudo, é eterno, mas também é o *Primeiro Motor*.

Ora, se Ele é eterno e se está em tudo, a *primeira causa* terá sido livre de tempo e de espaço e, portanto, eterna, sempre presente. Mas, se tal é verdade, não poderá ter existido um início dos tempos e, assim, os textos sagrados estariam condenados.

Maimonides defende que Deus é eterno, está em todas as coisas, mas também é a *primeira causa*, desencadeando aquilo que nomeamos como *existência*.

Por outro lado, um mundo eterno – como era defendido por Aristóteles – implica a noção do livre arbítrio, de volição; enquanto que um mundo iniciado por uma *causa*, de carácter *espaço temporal*, que provoca um sistema causal em cadeia, numa complexidade crescente, significa o domínio absoluto do *destino*, da não volição.

Para Maimonides, entretanto, o mundo não é eterno – possui um princípio, um meio e um fim – mas, em aparente paradoxo, a Lei se refere exclusivamente ao universo da volição, do livre arbítrio, da razão, indicando a sua natureza eterna.

Defesas tomadas como contraditórias e polémicas quando não possuímos o recurso lógico do princípio do *terceiro incluído*.

Assim, o mais interessante não é exactamente *aquilo* que ele defende, mas *como* o faz: a estrutura de pensamento que caracteriza, que *designa* as suas ideias.

A Lei é a *terceiridade* por excelência – assim definida por Charles Sanders Peirce – é a *razão* e se refere obrigatoriamente a ela, implicando um passado e um futuro, um universo de *causalidade*.

Mas, a obediência à Lei implica a noção de livre-arbítrio, de decisão, de eternidade.

O início de tudo apenas pode ter sido objecto da vontade, da volição, de uma condição de eternidade que se projecta em causalidade, em mundo finito – essa é a natureza conflituosa lógica da Lei.

Afinal, como poderiam existir milagres em algo que é eterno?

Deus é o eterno.

E como poderíamos admitir a inexistência de fortes relações entre o mundo e o seu Criador?

O milagre implica o *não-eterno*, uma *singularidade*, uma mudança – da mesma forma como acontece com o início e com o fim das coisas.

A eternidade é a *não-Lei*, por excelência, pois implica a *não-mudança*, a permanência enquanto *totalidade*.

Pois, para ele, Deus é eterno e, simultaneamente, o *Primeiro Motor*, a *Primeira Causa*, num mundo *criado*, partindo da *vontade*, e que pode estar sujeito a milagres, *sendo e não sendo*, ao mesmo tempo, sem se submeter a uma lógica do *terceiro excluído*, tipicamente aristotélica, mas antevendo o princípio do *terceiro incluído*.

O mesmo acontece com o tratamento dado por ele aos *divinos atributos*, considerados como ponto de grande controvérsia do seu pensamento.

A palavra *atributo* nasce do termo árabe *sifa*, que também poderia indicar as ideias de *descrição*, de *característica* ou de *propriedade*.

Ora, se Deus é *um* – no sentido pitagórico da unidade total, singularidade universal – como poderia ter *atributos*, *propriedades*?

Ser e não ser, eis a questão.

Quando temos uma propriedade, um atributo, ele existe em referência a algo exterior a si mesmo. Por exemplo, se algo é azul – essa qualidade azul é uma parte do seu objecto e não a sua *totalidade*. Se fosse totalidade, seria o próprio objecto e não um atributo.

Mas, como defende Maimonides, Deus é *um*!

Deus é e não é – implicando o todo, e existir como um todo absoluto também significa ser a Sua própria negação.

Apenas um *totos*, um todo absoluto é também a sua própria negação.

Não há qualquer relação directa possível entre Deus e as Suas criaturas e, ao mesmo tempo, Deus é tudo, incluindo as Suas criaturas.

A partir desse formidável desenho lógico, Maimonides trata de provar a existência de Deus: se Ele é tudo, então não é possível qualquer conhecimento *acerca* Dele – pois qualquer conhecimento que possa existir nada mais é que parte do seu objecto.

Sendo tudo, sendo um, o *totos* universal, Deus não é passível de ser *conhecido*, estando para muito além de qualquer compreensão pois é, em Si, o *conhecimento* total.

Ora, sempre que significamos alguma coisa, o fazemos em relação a algo que está fora do seu significado. O significado, como a História, aspira sempre à sua significação máxima, ao seu objecto, mas se trata de uma aspiração impossível, pois se a atingíssemos a própria significação deixaria de o ser, para se tornar no próprio objecto.

Por essa via, a palavra *maçã*, por exemplo, aspira – enquanto significação – o seu objecto, mas é diferente dele, continua a ser uma palavra.

Esse exercício de linguagem verbal é *a priori* impossível em relação ao conceito de Deus que é, por definição, *tudo*.

Por isso, ele considera a imaginação como uma faculdade *menor* – pois ela está *distante* do seu objecto.

Maimonides aspira à concretude máxima, à significação última de tudo.

Foi essa postura, em certo sentido, que levou Jackson Pollock – entre outros – a buscar uma pintura que não era qualquer coisa para além de si própria, tudo estava ali, na sua própria existência.

Seguramente o traço mais popularizado das suas estratégias lógicas terá sido o princípio da *negação* – o nosso desconhecimento de Deus é a maior prova de que Ele existe; pois tamanha é a Sua grandiosidade, que não teríamos condições de *existência* para aferir a Sua própria existência, embora saibamos Dela pois a podemos *cogitar*.

Negação que implica a existência concreta de tudo.

Em termos *cabalísticos*, o princípio da *negação* é expresso, na *Árvore da Vida*, pelo mais elevado grau das dez *Sefirot* – que é chamado *Keter*, ou *Coroa*, que desaparece no *Nada*, que também é *Tudo*, e que, assim, não pode possuir um *Nome*.

Embora a sua aplicação por Rambam tenha sido de uma excelência única, projectando-se ao longo dos séculos, o princípio filosófico da negação não era novo no tempo em que viveu.

Pelo menos desde a Grécia Antiga, de forma sistemática, sempre houve todo o tipo de especulações a partir desse princípio.

Seguindo esses passos, Maimonides trataria de defender que, dado toda e qualquer *existência* implicar o seu contrário, haveria, consequentemente, uma entidade *não existente*.

Se algo é *tudo*, é porque esse tudo está em oposição a um *nada*.

Para se conhecer algo que não existe, trataremos, portanto, do que existe – ainda assim, a sua significação será sempre *negativa*.

Segundo essa estratégia, tratamos de conhecer Deus pelo que Ele não é – por tudo o que conhecemos. Pois, em última instância, conhecemos apenas particulares e nunca, verdadeiramente, o universal.

Esse exercício lógico ficaria conhecido como *via negativa* e indicaria muito do seu pensamento.

Segundo as suas palavras, os atributos afirmativos, ou positivos, «indicam sempre uma parte da coisa que desejamos conhecer, seja uma parte da substância, seja uma parte dos seus acidentes, enquanto que os atributos negativos fazem-nos saber, de alguma forma, aquilo que é realmente a essência do que desejamos conhecer».

Espinoza foi flagrantemente marcado pela *via negativa* de Maimonides, tendo sido violentamente acusado de ateísmo, pois apenas pela negação é que seria suposto poder conhecer algo do conceito de Deus.

Mas, Maimonides vai além e defende algo que ficaria conhecido como *princípio da admissibilidade*: qualquer coisa que possamos imaginar existir é admissível.

Esse princípio nada mais é que o fundamento essencial daquilo que séculos mais tarde conheceríamos como *utopia*: aquilo que é surpreendentemente possível, mas não esperado.

E a partir daí, faz emergir a questão: por que as coisas são como são, e não de outra forma? Para resgatar, uma vez mais, a Lei – mas não como o teólogo dogmático e sim tomando a própria Lei como indicadora do *funcionamento* da Natureza.

As coisas são como são devido ao seu *funcionamento*, à sua *função* – sendo, portanto, a *função* a natureza primeira de tudo.

Essa diferença essencial entre uma organização estabelecida por via exclusivamente hierárquica – como ocorre com a *teleologia* – e outra, de natureza metabólica, tal como aconteceria com os princípios *darwinianos*, seria definitivamente iluminada no século XX pelo conceito de *teleonomia* de Konrad Lorenz.

De facto, para Maimonides o mundo é uma criação de Deus, e acontece de forma hierárquica – mas, ao mesmo tempo, Deus é tudo, eterno e, portanto, sem tempo.

«Os peixes nadam e os pássaros voam» – dizia ele ao indicar que o comportamento, a existência concreta, é, em si, a natureza das coisas.

Encontramos curiosas referências nas teses de Gerald Edelman, já no final do século XX, acerca daquilo a que nomeou como *topobiologia* – a tendência de átomos e até mesmo de substâncias formarem agregamentos especializados em função da sua ordem estrutural – ou mesmo na própria *Gestalt*.

Num meio que tinha praticamente perdido muitas das suas ligações com a tradição Grega, Maimonides iria resgatar muito do pensamento de Aristóteles – para quem o número era privilegiadamente *quantidade* – mas também o de

Platão e Pitágoras – para quem o número era *qualidade* – dando nova vida à tradição Clássica e impulsionando uma enriquecida corrente filosófica que desencadearia aquilo que ficaria conhecido como o *Renascimento Ocidental*.

Maimonides vive na época em que a Europa começa a produzir, pela primeira vez, papel.

E esse início, que indicaria uma formidável transformação social, dá-se precisamente na Península Ibérica.

Um período que anunciaria, gradualmente, o predomínio da visão sobre os outros sentidos.

Até neste ponto Maimonides foi um pioneiro. Quando ele descreve o desenvolvimento de um ser humano ideal, um ser humano mais próximo da perfeição, deixa clara a importância do domínio da visão sobre os outros sentidos.

Um tal ser humano adquiriria conhecimento até alcançar «um intelecto perfeito e hábitos puros e equilibrados». Quando tal acontece, «todos os seus desejos são dirigidos para o aprendizado da ciência dos segredos de tudo o que existe e das suas causas... Através desse conhecimento ele terá o seu pensamento destacado de todas as coisas bestiais, assim como terá abolido os seus desejos por essas coisas – eu quero dizer da preferência pelos prazeres dos alimentos, dos sabores, das bebidas, dos actos sexuais e, em geral, do sentido do tacto...».

É assim que no quinto capítulo do *Guia dos Perplexos* ele trata de explicar três raízes hebraicas relacionadas à percepção visual, indicando a sua essencial importância para preparar o intelecto.

Essa postura conheceria um forte desenvolvimento no Ocidente, principalmente a partir do Renascimento.

Ele defende que de todas as faculdades do espírito humano, apenas o intelecto, fundado na *razão* e estabelecido a partir da visão, pode ser imortal. Os outros sentidos, como o paladar, o olfacto, a audição ou o tacto, estariam tão intensamente e tão directamente ligados à matéria que, com a desintegração do corpo, delas nada poderia sobreviver.

A visão, cunhada pela luz, elemento imaterial por excelência, produziria uma espécie de destaque da matéria, gerando a única forma que poderia se tornar imortal.

Também aqui, Maimonides não esconde a sua admiração pelo pensamento de Aristóteles.

A estrutura que fundamenta as suas ideias articula-se por um *corpus* único, fundindo religião e filosofia, resgatando na Natureza as leis sagradas, produzindo uma espécie de *Teoria Unificada*, tudo estabelecido numa rede de relações que acontecem em função de uma árvore fortemente hierárquica, como que possuindo um *ponto de fuga* virtual, potencial, gerador.

Identificamos todos esses elementos, de uma ou outra forma, com o pensamento Renascentista, com o Iluminismo, com as ideias de Descartes, de Hume, Berkeley, Kant, Hegel e muitos outros.

Pode-se imaginar como a obra de Maimonides acabaria por se revelar como uma referência essencial para pensadores como Espinoza, Tomás de Aquino, Newton, Leibniz e Emanuel Kant para referir somente alguns poucos nomes.

No seu poderoso salto à Grécia, Maimonides terá representado, ainda, o elo fundamental, ao nível lógico, com toda a antiga tradição Suméria.

Charles Sanders Peirce afirmaria que «a imaginação dos antigos babilônicos foi uma ajuda e não um entrave para o seu maior avanço face aos egípcios ou mesmo face aos primeiros gregos na descoberta de verdades gerais na geometria, na álgebra e na astronomia, esta sendo a *rainha das ciências*».

Para Maimonides, a *lógica* – *mantiq* no Árabe, palavra derivada de um verbo que significa *raciocinar* ou *falar*, mas que muitas vezes é traduzida como *divinação*, *prestidigitação* – possui três sentidos diferentes.

O primeiro é a *razão* propriamente dita.

O segundo é a *coisa inteligível*, aquilo que é perceptível, a coisa *percebida*.

O terceiro sentido é a noção impressa na alma, as emoções, a *percepção* na sua dimensão icónica.

«O primeiro é (...) o poder racional. O segundo significado é o próprio inteligível (...). O terceiro significado é a expressão, em linguagem, das noções impressas na alma», segundo as suas próprias palavras.

Quantas semelhanças guardam entre si as estratégias de pensamento de Maimonides e de Peirce!

Entretanto, para Maimonides, embora actuando na esfera da razão, a ideia de *Lei* não é algo puramente *racional* – ela estaria *para além* daquilo que compreendemos como *razão*.

Para ele, a *Lei* significa o que ordena todas as coisas, o princípio geral de articulação de tudo e que, dado significar a ordem *total*, estando para além da própria lógica, não pode ser totalmente compreendido pela razão.

Enquanto que para Maimonides a ideia de *Lei* é algo semelhante à *ordem oculta* de Anaxágoras, aos princípios do *número* de Pitágoras, o conceito de *lei* para Peirce é um fenómeno de linguagem, próximo do *logos* compreendido por Heráclito.

Assim, o conceito de *lei* para Peirce parece ser, sinteticamente, equivalente ao *poder racional* de Maimonides.

Maimonides seria considerado um dos mais importantes filósofos medievais. A sua celebridade não esteve contida nos fechados círculos dos aclamados pensadores e filósofos.

Em Portugal, chegou a ser considerado como um mestre Português, ainda que nunca tenha lá estado.

Mas, a sua gigantesca e fascinante obra não passou livre de controvérsias e perseguições.

Em 1320, Salomon ben Abraham, um rabino de Montpellier, interditou o estudo do *Guia dos Perplexos*, do *Livro do Conhecimento* e dos seus estudos filosóficos em geral, sob pena de expulsão da comunidade Judaica.

Na Espanha, críticos das suas ideias solicitaram ajuda dos padres Dominicanos e Franciscanos para confiscar e queimar os seus livros.

Para Maimonides, ao longo de toda a sua vida, o estabelecimento do *método* foi algo manifestamente essencial.

Tudo forjando um mundo onde o conhecimento, o contínuo aprendizado das leis da Natureza, a não separação entre acção e reflexão, entre fé e razão, são os seus signos essenciais.

Nas suas abordagens do mundo, o aparato classificatório – tipicamente aristotélico – é apenas um recurso para a compreensão de um modelo dinâmico e *não linear*.

Algo que nos faz lembrar Octavio Paz quando afirmava que «uma comunidade seria aquela sociedade universal em que as relações entre os seres humanos, longe de ser uma imposição da necessidade exterior, fossem como um tecido vivo, feito da fatalidade de cada um ao se enlaçar com a liberdade de todos».